

SHALOM: O ESPÍRITO HUMANO COMO VEÍCULO DE REALIZAÇÃO DE DEUS

SHALOM: THE HUMAN SPIRIT AS A VEHICLE FOR THE REALIZATION OF GOD

Laura Silveira Santiago¹

RESUMO

Este estudo propõe superar a oposição entre coisificação do espírito e consciência de si a fim de meditar a respeito da reconciliação do ser humano com Deus. O artigo desenvolveu-se via pesquisa bibliográfica, documental e exploratória, baseando-se nos estudos de Hegel acerca da superação à oposição e, para ilustrar artisticamente as discussões, será utilizada como objeto a obra *Melancholy*, de Albert Gyorgy. A partir desta reflexão, o conteúdo de reconciliação entre espírito finito e espírito infinito salienta a existência humana como veículo de realização de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Hegel; espírito finito; espírito infinito; reconciliação.

ABSTRACT

This study seeks to overcome the opposition between the reification of the spirit and self-consciousness in order to reflect upon the reconciliation of the human being with God. The article was developed through bibliographical, documentary, and exploratory research, drawing on Hegel's studies concerning the overcoming of oppositions. To artistically illustrate the discussions, Albert György's work *Melancholy* is employed as the object of analysis. From this reflection, the notion of reconciliation between finite spirit and infinite spirit underscores human existence as a vehicle for the realization of God.

KEYWORDS: Hegel; finite spirit; infinite spirit; reconciliation.

INTRODUÇÃO

Shalom, em hebraico שלום, quando traduzido para o português significa paz, ou melhor, significa ausência de tensão; no entanto, esta palavra também remete à integridade e totalidade com Deus, com os outros e com o mundo. Então, quando o termo *shalom* é utilizado como forma de cumprimento entre os homens, deseja-se a ausência de aflições, ou seja, deseja-se a paz ao próximo, e deseja-se que o espírito humano – o qual é dotado de racionalidade livre – volte-se ao reconhecimento de sua existência como veículo do Espírito Absoluto, integrando-se à totalidade. A questão fundamental da vida humana está no entendimento de que possuímos o propósito de liberdade, mas que esta se manifesta pelo reconhecimento mútuo da habitação de Deus em si e no outro em alteridade e que a vida se faz na transformação dos indivíduos a partir do encontro com o

¹Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP, campus Marília – na linha de pesquisa “Filosofia e História da Educação no Brasil”. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, campus Divinópolis. Graduada em Psicologia pela UNA, campus Divinópolis. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1981550137994558>.

outro em atitude de amor, para que o cumprimento de *shalom* se faça real.

Esta constante transformação do espírito ocorre em razão de uma carência desejante, que compreende este finalismo vital ao abraçar a essência de ser integrante do desenvolvimento totalizante da natureza espiritual; para Hegel este processo se dá na realização do desejo de reconhecimento de uma consciência de si por outra. O processo dialético pelo qual se perpassa a consciência de si está na busca por um horizonte do objeto de desejo, por mais que haja o desvio deste para a materialidade, compreende-se que a consciência de si é desejo em si mesmo; neste sentido, vê-se como um processo de perda de si mesmo e retorno a si mesmo para a reconciliação entre ser humano e Deus.

Este processo de superação desta oposição está na dilaceração absoluta do sujeito que busca unidade, para que se reconheça em um plano espiritual. Este processo libertador clama o amor ao próximo de forma que haja o reconhecimento da dependência totalizante das relações. No entanto, como haverá a libertação dos homens se o desejo se esbarra na incapacidade de reconhecimento do espírito humano como veículo de realização do Espírito Absoluto? Como haverá *shalom* se há um gosto masoquista de ficar sob o plano materialista? Como poderíamos agir com alteridade e amor quando o desejo se esbarra na ambição de ter uma vida mecânica em que se transforma os processos, os sentimentos e pensamentos em coisas? Como haveria o reconhecimento mútuo quando se utiliza da liberdade para dar ocasião à carne, com o desejo bloqueado pelo controle e posse do ser, perdendo o contato com o mundo e matando a vida? Como haver uma vida espiritual e não uma vida necrófila, a qual ama a coisificação do espírito?

Tais reflexões serão discursadas no presente trabalho com o objetivo de compreender a reconciliação do ser humano com Deus, ou melhor, compreender a conexão com a oposição entre espírito finito e espírito infinito, ressaltando que aquele é veículo para realização deste. Especificamente, objetiva-se aprofundar este estudo por meio da análise da oposição entre coisificação do espírito e consciência de si. Este estudo desenvolveu-se por meio de pesquisa bibliográfica, documental e exploratória – a fim de esclarecer e modificar conceitos e ideias – segundo método dedutivo. Tal metodologia fundar-se-á em reflexão qualitativa de textos acadêmicos e científicos, do tipo pesquisa exploratória-bibliográfica. Fundamentou-se este estudo por meio da filosofia de Hegel, além deste, para ilustrar as discussões, será utilizada como objeto a obra *Melancholy*, de Albert Gyorgy.

Neste estudo, a temática será elaborada a fundo em quatro subtítulos. No primeiro haverá a exposição da existência do espírito infinito e uma incitação ao relacionamento dos espíritos finitos com este. O segundo subtítulo tratará da reconciliação do ser humano com Deus, por meio da superação da oposição entre coisificação e consciência de si. Em seguida, haverá a exposição da

liberdade como unidade da vida. Por fim, será apresentada a reflexão a respeito do espírito finito como veículo do Absoluto.

ADONAI: INCITAÇÃO AO RELACIONAMENTO COM DEUS

Decerto a evolução científica adotou significativas mudanças na sociedade após a teoria da evolução darwinista, e que dada esta modificação da forma como se vê a vida natural abriu-se espaço para conflitos entre princípios metafísicos. Em um mundo científico em que há a convicção na mecanicidade, em que há a crença de que a vida pode ser regida mecanicamente e controlada de certa forma, olvidou-se do devir, da grandiosidade de *Adonai*, da inteligência transcendente, o qual se mostra vivificado e presente no mundo físico, na natureza e nos seres finitos. Não é possível que a vida se baseie em princípios os quais são regidos por acaso, por mera mutação sem sentido, por um determinismo vazio. Anselmo (1984) dedica-se em sua obra ao seguinte argumento para comprovar a existência de Deus:

Portanto, Senhor, tu que concedes a inteligência da fé, concede-me, na medida em que julgues conveniente, entender o fato de que és como cremos, e de que és o que cremos. E seguramente cremos-te ser ‘algo em relação ao qual nada maior poderia ser pensado’ [aliquid quo nihil maius cogitari possit]. Portanto, acaso não há tal natureza pelo fato de que ‘o insipiente disse em seu coração: Deus não é’? Ora, certamente, esse mesmo insipiente, quando ouve isto mesmo que digo: ‘algo em relação ao qual nada maior pode ser pensado’, entende o que ouve, e o que entende é na sua inteligência, mesmo que não entenda que aquilo é. É distinto, com efeito, a coisa ser na inteligência e o entendimento de que a coisa seja. Pois quando o pintor pensa antecipadamente o que há de fazer, certamente o tem na inteligência, mas ainda não entende que seja o que ainda não fez. Mas quando já pintou, tanto o tem na inteligência quanto entende ser o que já fez. Portanto, mesmo o insipiente está convencido de que seja, ao menos na inteligência, ‘algo em relação ao qual nada maior pode ser pensado’, porque, quando ouve, entende isso. E tudo que se entende, é na inteligência. E, certamente, ‘aquilo em relação ao qual nada maior está apto a ser pensado’, não pode ser somente na inteligência. Com efeito, ainda que fosse unicamente na inteligência, poder-se-ia pensar ser também na coisa, o que é maior. Portanto, se ‘aquilo em relação ao qual nada maior pode ser pensado’ for unicamente na inteligência, ‘aquilo mesmo em relação ao qual nada maior pode ser pensado’ está em relação com o que pode ser pensado maior. Ora, isso certamente não pode ser. Existe, portanto, sem dúvida, tanto na inteligência como na coisa, ‘algo em relação ao qual não é válido [non valet] que seja pensado nada maior’.

Neste sentido, Deus é o ser do qual não se pode pensar nada maior. E este Deus possui bondade, onipotência e onisciência desenvolvendo-se de forma que a vida seja a mais rica possível em comparação com tempos passados, visando a liberdade dos sujeitos. Esta evolução se dá pela superação de oposições, “(...)además, hay que tener en cuenta que sin dificultades no se podría alcanzar el bien árduo, y por tanto no serían posibles la paciencia, la fortaleza o la valentia; y sin el sufrimiento de los demás no sería tampoco posible la compasión” (LABORDA, p. 140).

Esta contradição proporciona a evolução da consciência de si do sujeito, e revela a necessidade do espírito finito ao espírito infinito. Esta necessidade se mantém por meio do *círculo*

hegeliano da necessidade, em que “(...) a necessidade do Geist que põe a si mesmo decorre da existência de coisas finitas na dialética sem que tenhamos de pressupor o Geist ou pelo menos pretender fazer isso. E a necessidade de coisas finitas flui dos requisitos do Geist sem que pressuponhamos a finitude.” (TAYLOR, 2014, p.125)

Para que isto ocorra, a consciência de si parte do reconhecimento; e para tanto, os seres humanos, os quais são os únicos seres finitos dotados de veículo da consciência, transformam-se na compreensão de que possuem uma liberdade a qual se realiza numa vocação dada, a saber, ser veículo do Absoluto.

Compreende-se que Deus parte da liberdade, do amor e da busca pelo bem supremo, e para que haja tal reconhecimento necessita-se de sujeitos dotados de consciência livre que busquem a reconciliação com o todo. Não seria possível, então, uma vida sem espíritos finitos autônomos. “Dios podría haber creado robots teledirigidos em vez de animales racionales como nosotros, pero esos robots, precisamente porque no serían libres, serían incapaces de amar a Dios o a los demás (robots).” (LABORDA, p. 140).

A visão científica da evolução propõe uma seleção mecânica natural, determinada pelo mundo físico. No entanto, o que se vê é uma hierarquia de seres passando por diversas espécies viventes, até o ser humano como expressão do Absoluto. A gênese da formação do homem relata o espelhamento deste com Deus, “assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (GÊNESIS, 1: 27). A vida finita é expressão de Deus, e o ser humano ao ser tido como dotado de racionalidade e liberdade, passa ao autoconhecimento do espírito universal do qual é veículo.

SHAMAR: RECONCILIAÇÃO AO ESPÍRITO ABSOLUTO

Urge-se o pensar de que o ser finito, ao aceitar sua vocação como veículo de Deus, não renuncia a nada exatamente – já que este se faz inserido a uma necessidade racional, e que a liberdade só é real quando se é expressa numa forma de vida, a qual foi dada pelo Absoluto. A ciência do espírito finito se converte ao autoconhecimento do todo, ou melhor, ao conhecimento da superação da finitude e reconciliação com o Absoluto.

[...] ao alcançar a compreensão plena, a nossa ciência do espírito é transformada: do conhecimento do ser que temos como espíritos finitos a respeito de um mundo que é diferente de nós, passamos ao autoconhecimento do espírito universal do qual somos veículos. (TAYLOR, C. 1999, p. 117).

Esta reconciliação do espírito ocorre em razão de que a consciência só é possível quando se depara com uma oposição, algo que seja diferente, já que o Absoluto se constitui em unidade por meio da diversidade finita. Estas dicotomias revelam-se não apenas o oposto, mas idêntico ao seu

oposto. Destarte, a consciência de si só avança visando reconhecer aquilo que realmente se é e superando suas oposições, visando então a reconciliação. O processo dialético pelo qual se perpassa a consciência de si está na busca por um horizonte do objeto de desejo a ser superado, compreende-se que a consciência de si é desejo em si mesmo. “O desejo se refere aos objetos do mundo; depois, a um outro objeto mais próximo de si mesmo, uma outra consciência de si; é o próprio desejo que se procura no outro, o desejo do reconhecimento do homem pelo homem.” (HYPPOLITE, 1999, p. 175).

Este primeiro momento em que o desejo se faz na busca monótona por riquezas terrenas não satisfaz o espírito inquietante do ser, uma vez que a consciência de si, em Hegel, só se torna real pelo reconhecimento intersubjetivo. Nesta perspectiva, o processo dialético está na superação do reducionismo da vida à materialidade, libertando-se para a consciência de uma totalidade maior. Torna-se consciente de si por meio da relação com o outro e do reconhecimento mútuo entre as consciências de si, libertando-se da coisificação do espírito e efetivando sua existência na pluralidade das consciências humanas.

Porque vocês, irmãos, foram chamados à liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à carne; pelo contrário, sejam servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: “Ame o seu próximo como a você mesmo”. Mas, se vocês ficam mordendo e devorando uns aos outros, tenham cuidado para que não sejam mutuamente destruídos. Digo, porém, o seguinte: vivam no Espírito e vocês jamais satisfarão os desejos da carne. Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito luta contra a carne, porque são opostos entre si, para que vocês não façam o que querem. Mas, se são guiados pelo Espírito, vocês não estão debaixo da lei. Ora, as obras da carne são conhecidas e são: imoralidade sexual, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçarias, inimizades, rixas, ciúmes, iras, discórdias, divisões, facções, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes estas. Declaro a vocês, como antes já os preveni, que os que praticam tais coisas não herdarão o Reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. (GÁLATAS, 5:13-23)

Desta forma, o processo dialético da autoconsciência manifesta-se no desejo por um objeto externo ao domínio material, se encontra na dilaceração absoluta do sujeito em direção ao seu espírito, a fim de que este se reconheça, por meio da alteridade, em uma outra consciência de si, em um plano espiritual. Este processo libertador, então, implica no amor ao próximo, promovendo o reconhecimento da interdependência totalizante nas relações humanas, vê-se a impossibilidade de que o ser humano viva separadamente de uma forma de vida coletiva.

Corresponde a tal exigência o esforço tenso e paciente, de um zelo quase em chamas, para retirar os homens do afundamento no sensível, no vulgar e no singular, e dirigir seu olhar para as estrelas; como se os homens, de todo esquecidos do divino, estivessem a ponto de contentar-se com pó e água, como os vermes. [...] Agora parece haver necessidade do contrário: o sentido está tão enraizado no terreno, que se faz mister uma força igual para erguê-lo dali. O espírito se mostra tão pobre que parece aspirar, para seu reconforto, ao mísero sentimento do divino em geral – como um viajante no deserto anseia por uma gota d’água. Pela insignificância daquilo com que o espírito se satisfaz, pode-se medir a grandeza do que perdeu (HEGEL, 2002, p. 29).

Esta ambição colossal por satisfação do desejo por objetos finitos, por uma riqueza em materialidade, pelo olhar através de lentes mecanicistas, exala o empobrecimento do espírito. A satisfação dos desejos da carne é antagônica à satisfação dos desejos do espírito. Ao enraizar o sentido da vida no plano terreno, as consciências são impedidas pela coisificação, ou seja, “(...) pela redução do Outro a um simples corpo material destituído de qualidades propriamente humanas, isso significa que o próprio espírito se torna incapaz de reconhecer sua substância” (BUENO, 2022, p.74). Então, vive-se em estado de alienação em que há a recusa pelo reconhecimento da consciência de si e da diversidade, impossibilitando, assim, o fluir do espírito.

Faz-se relevante que o ser finito compreenda que esta fase não é algo real, já que “(...) uma liberdade puramente interior é apenas um desejo, uma sombra” (TAYLOR, 2014, p.148). Só se faz real a liberdade quando expressa em uma forma de vida coletiva, uma vida para além do *self*. Revela-se a importância da superação de um plano de visão das coisas em oposição de entendimento, *Verstand*, rumo a uma consciência mais elevada, *Vernunft*. A liberdade real se dá no reconhecimento de que há uma consciência de si no finito para além deste, no reconhecimento de que Deus presente está, no reconhecimento de *Shamar*.

EL ELYON: ESPÍRITO FINITO COMO VEÍCULO DO ABSOLUTO

Urge-se, então, a retomada dos questionamentos iniciais propostos neste trabalho; a saber, questões estas as quais conduzem o entendimento da relevância da superação da coisificação do espírito para a realização de *shalom*, para a viabilidade do veículo de Deus no ser humano. Para seguir tal reflexão, a obra *Melancholy* de Albert Gyorgy, anexada abaixo, será utilizada como ilustração apoio.

FIGURA 1



Imagem referente à obra Melancholy, de Albert Gyorgy

A obra Melancholy, de Albert Gyorgy, simboliza artisticamente este processo dialético da consciência de si e seu desejo por libertar-se do estado de alienação em que a coisificação do espírito proporciona ao ser. Referida obra situa-se às margens do Lago Genebra, na Suíça, é uma escultura que retrata uma figura humana isolada e sentada, de cabeça baixa voltada para si mesmo, como se estivesse sob um peso corpóreo tremendo. Vê-se nesta figura um grande vão no peito da escultura, sem coração, pulmão ou qualquer outro órgão visceral, um completo vazio, representando a ausência de vitalidade do ser representado, exalando um vazio existencial.

A busca por objetos que satisfaçam os desejos do ser, na tentativa de encontrar sentido à vida de forma que o espírito se manifeste livremente, aliena-se pela coisificação do espírito. A obra
Revista Synthesis, v.16, n. 1, p. 44-53, 2026. | 50

proporciona a reflexão de que a existência do espírito humano nunca teve a ver com objetos finitos, com conquistas do plano material e conquistas estéticas. A figura solitária de Gyorgy exala a necessidade de algo de ordem ontológica e espiritual.

Em troca dos artigos que enriquecem a vida deles, os indivíduos vendem não só seu trabalho, mas também seu tempo livre. As pessoas residem em unidades habitacionais e possuem automóveis particulares, com os quais já não podem escapar para um mundo diferente. Têm gigantescas geladeiras repletas de alimentos congelados. Têm dúzias de jornais e revistas que esposam os mesmos ideais. Dispõem de inúmeras opções e inúmeros inventos que são todos da mesma espécie, que as mantêm ocupadas e distraem sua atenção do verdadeiro problema - que é a consciência de que poderiam determinar suas próprias necessidades e satisfações (MARCUSE, HERBERT, 1985).

Esta distração provocada pelo estado de alienação, afasta a compreensão de que o sentido do espírito humano sempre esteve em satisfazer seus desejos na busca em ser um veículo de realização do Absoluto. Sempre esteve ligado ao processo dialético hegeliano de olhar para seu interior, conforme a escultura “Melancholy” expressa, para que o fluir do Espírito seja possível por meio do processo libertador de consciência de si o qual proporciona o reconhecimento altero do outro e o entendimento da integração à totalidade.

A escultura de Gyorgy representa o processo de consciência de si na medida em que a figura ao voltar-se para seu interior, reconhece a impossibilidade do espírito humano desejante satisfazer-se isoladamente em um plano material. Deve-se a superação da alienação, que permite a conquista da liberdade mas que esta só se realiza no reconhecimento mútuo com o outro. É um processo que perpassa pelo peso no plano corpóreo, para que haja a libertação espiritual, pelo definimento do sujeito como coisa para que se veja a visceral totalidade de Deus no espírito humano. “O enfrentamento das próprias sombras é um trajeto irredutivelmente pessoal, intransferível e inteiramente condicionado pela potencialidade de cada espírito em tornar-se aquilo que realmente é” (BUENO, 2022, p.94), em tornar-se veículo do Absoluto.

Não há, portanto, a possibilidade de existência do ser finito isolado de uma vida comum. Por pertencer a um espírito infinito, o ser humano já vive para além de si mesmo em uma totalidade superior. “A liberdade só é real quando é expressa numa forma de vida; e visto que o ser humano não pode viver por si próprio, tem de ser uma forma de vida coletiva” (TAYLOR, 2014, p.148). Revela-se a superação da oposição entre vida finita e vida infinita, ao compreender a impossibilidade de uma vida outra que não menor ao *El Elyon*, ou seja, inexistência de uma vida além daquele espírito superior.

A ideia de autossuficiência humana no plano materialista trouxe à tona uma vida de experimentação em objetos finitos para a possibilidade de completude do desejo, como se vê na webreportagem “Um Sentido para a Vida” (2022), produzida por Vítor Lelis Gallo Pedrosa. Para Hegel, a melhor forma de compreender Deus é estando em conexão entre arte, religião e filosofia, Revista Synthesis, v.16, n. 1, p. 44-53, 2026. | 51

as quais são veículos para compreendê-lo. Referida reportagem realizou uma apuração acerca da dependência humana com o plano espiritual por meio da discussão da temática com especialistas e religiosos de diferentes crenças.

Nesta webreportagem, em entrevista com um padre, discutiu-se acerca da volta do espírito humano para a submissão ao materialismo que está em vigor na sociedade contemporânea, disserta que “vivemos em uma cultura na qual o sentido da vida está na busca por prazeres, em usufruir, consumir, gastar, e depois que você faz tudo isso e percebe que era tudo fantasia, há um profundo vazio interior”. Ressalta-se nesta fala a alienação do ser em que há o desnorteio deste na busca de objeto de desejo, recaindo-se a materialidade. “O homem é um ser naturalmente espiritual, e a ausência do exercício da espiritualidade atinge diretamente questões emocionais e de saúde. Isso deixa um vazio, que as pessoas tentam preencher com outras coisas, o que gera inúmeras fragilidades”, ressalta o pastor também nesta webreportagem.

No entanto, ainda nesta apuração, o espírita entrevistado ressalta que “a espiritualidade não é somente crer em algo além da matéria, é ter uma vida voltada ao espírito”. Cabe o processo de consciência de si, da busca do objeto que proporcione a satisfação para além do materialismo, voltando-se ao desenvolvimento da espiritualidade no interior do ser, como diz a psicanalista, citada em tal pesquisa. Vê-se a relevância do olhar para si, como em *Melancholy*, para a libertação de alienações que prendem o sujeito em plano terreno e se volte a El Elyon.

SELAH: REFLEXÃO

O presente estudo visou discorrer acerca da reconciliação entre espírito finito e espírito infinito, ou seja, pretendeu-se revelar a permanência de ambos de forma que sua oposição fosse superada. Desta forma, propõe-se uma reflexão, *selah*, a respeito do ser humano como veículo para realização de Deus.

A visão mecanicista a qual a ciência se baseia intitula a vida como processos evolutivos de mutações ao acaso. Porém, o que foi visto com este estudo é que há uma pluralidade de seres finitos os quais seguem a uma hierarquia determinada, as quais fazem parte de algo maior, a saber de uma unidade que se refere ao todo, sendo dentre os seres finitos o ser humano o ser dotado de racionalidade e capacidade de expressão. Neste sentido, o ser humano reconhece-se como expressão de Deus, por meio do autoconhecimento do espírito universal do qual é veículo.

Esta compreensão de que o ser humano possui a vocação de ser veículo de Deus ressalta uma real liberdade desse, já que a liberdade só se faz real quando expressa numa forma de vida para

além de si mesmo, forma de vida esta a qual pertence ao Absoluto. Neste processo de voltar-se à Deus revela o ser liberto de uma coisificação de seu espírito, havendo a da superação de um plano de visão das coisas em oposição de entendimento rumo a uma consciência mais elevada.

O espírito humano se compromete com este processo constante de liberdade ética hegeliana, de superar a alienação gerada pela coisificação do espírito, para que por meio do estágio de consciência de si, o espírito humano se reconheça mutuamente com o outro dentro de uma totalidade. O espírito humano se transcende pelo olhar ao interior de si mesmo e pelo enfrentamento de suas alienações, para que reconheça suas potencialidades. O espírito humano faz-se bem-aventurado quando compreende que é veículo de Deus, quando se objetiva a paz e a integração com a totalidade. O desejo do espírito humano se realiza em *shalom*.

REFERÊNCIAS

Anselmi Cantuariensis archiepiscopi opera omnia. Ed. F. S. Schmitt. Stuttgart: Friedrich Frommann, [1938- 1961] 1984. 6 vols. em 2 tomos.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BUENO, Sinésio Ferraz. **O Fascismo em dez lições.** Editora Unesp. 2022.

Hegel. **Fenomenologia do Espírito.** São Paulo, Vozes, 2002, p. 29

HYPPOLITE, Jean. **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel.** São Paulo, Discurso editorial, 1999, p. 175.

LABORDA, Miguel Pérez de. **Tiene la razón algo que decir sobre dios y el problema del mal?**. In: GIL, Francisco José Soler; ALFONSECA, Manuel. 60 preguntas sobre ciência y fe: respondidas por 26 profesores de Universidad. Editora Stella Maris. 2014.

LACOSTE, JEAN-YVES. **Dicionário Crítico de Teologia.** Paulinas e Ed. Loyola, 2004.

Marcuse, Herbert. **Eros e civilização.** Rio de Janeiro, 1985.

PEDROSA, Vítor Lelis Gallo. **Um Sentido para a vida.** 2022. Disponível em: <https://tccvitorlelis.wixsite.com/tcc-v-tor> . Acesso em: 27 de Novembro de 2024.

TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura.** Tradução: Nélcio Schneider. Realizações editora. 2014.